

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

SIMONE ARAUJO RODRIGUES PORTELA

**INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UMA TURMA DO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte

2012

SIMONE ARAUJO RODRIGUES PORTELA

**INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UMA TURMA DO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude, Escola e Cultura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Dr. Paulo Henrique de Queirós Nogueira

Belo Horizonte

2012

SIMONE ARAUJO RODRIGUES PORTELA

**INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UMA TURMA DO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude, Escola e Cultura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Dr. Paulo Henrique de Queirós Nogueira

Aprovado em 26 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Paulo Henrique de Queirós Nogueira – Faculdade de Educação da UFMG

Dra. Carla Linhares Maia – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

A indisciplina é apenas um dos vários aspectos do processo de educação escolar, sendo encarada como algo extremamente complexo, é uma constante que angustia cada dia mais a todos os seus integrantes, inclusive os professores. O problema de indisciplina manifesta-se de várias maneiras e é na troca de horário de professor que ocorre uma das mais difíceis de enfrentar. Nesse pequeno intervalo, os alunos não permanecem em sala de aula e dela se ausentam, zoando no corredor ou mesmo na sala de aula ou outros espaços. É um trabalho que consiste na pesquisa com professores e alunos. A atividade proposta foi desenvolvida com os alunos do 7º ano denominado Hortência. É importante salientar o fato de que houve, nas últimas décadas, profundas transformações nas relações dentro da família e da sociedade em geral. E é nesse contexto de modificações e mudanças, em quase todos os setores da vida, que se percebe a necessidade de adequação da comunidade escolar dentro dessa nova realidade.

Palavras-chave: Indisciplina; Aprendizagem; Zoação; Juventude.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 JUSTIFICATIVA | 8 |
| 3 CONTEXTUALIZAÇÃO | 9 |
| 4 PROBLEMATIZAÇÃO | 11 |
| 5 DESCREVENDO A AÇÃO | 18 |
| 6 CONCLUSÃO | 25 |
| 7 REFERÊNCIAS | 27 |
| 8 ANEXOS | 29 |

1 INTRODUÇÃO

A problemática da indisciplina é um dos fatores que caracteriza todo o descontentamento com a educação. Para poder enfrentar esse problema, é necessário debruçar sobre esse fenômeno e, assim, perceber o que se passa no cotidiano escolar.

Como é um problema bastante complexo, propõe-se aqui entender a indisciplina em contextos escolares no momento da troca de horário do professor, em que sua ausência da sala de aula pode ser seguida por uma série de ações desorganizadoras da escola: gritaria, saída dos alunos para os corredores, ida para outras dependências da escola.

O interesse por este assunto surgiu do fato de ouvir constantemente, no ambiente escolar, reclamações sobre a indisciplina causando desordem nos corredores da escola, falta de limites, vandalismo, disputas e outras tantas manifestações de agressividade no momento em que o sinal da escola é acionado e se dá a troca de professores das salas de aula.

A intenção foi buscar uma reflexão sobre as possíveis causas da indisciplina na troca de horário do professor e a partir da pesquisa de campo, propor alternativas para sua minimização. A disciplina a que aqui se refere não deve ser vista como aquela que tolhe a liberdade e a criatividade dos alunos, que os deixem silenciosos ouvindo o que os professores têm a dizer, mas a possibilidade de se organizar a escola através da atuação recíproca dos envolvidos que estabelecem princípios que norteiam sua interação.

Vasconcellos é muito feliz quando destaca que “para poder enfrentar o problema da indisciplina, é necessário compreendê-lo, ou seja, entender o que esta acontecendo hoje com a disciplina em sala de aula, na escola na (sociedade)”. (VASCONCELOS, 2000, p.21).

As respostas para a questão da indisciplina buscam reforçar a ideia de que as retomadas de valores morais e éticos fazem-se necessárias e urgentes e que a família é de fundamental importância para que nossos jovens estudantes tenham limites, sejam responsáveis, respeitem para serem respeitados. Assim, a escola terá melhores condições de cumprir seu papel de instituição social, que busca a implementação do conhecimento, colaborando para a formação de cidadãos éticos, críticos, solidários, conscientes da importância que tem para si e para o mundo. Foi o que me levou a buscar, pesquisar sobre a indisciplina na escola analisada, conversando com os membros da comunidade escolar, alunos e pais para compreender o que estava acontecendo e como poderíamos minimizar seus efeitos sobre a aprendizagem.

Após o levantamento de dados com informações acerca da indisciplina na escola analisada, percebeu-se a necessidade de um plano de ação objetivando as causas prováveis da ausência do aluno dentro de sala de aula na troca de horário.

Buscando oferecer uma alternativa a essa questão e assim, através do diálogo com os alunos, propõe-se intervir com o intuito de fortalecer a permanência dos mesmos em sala durante os intervalos e, assim, diminuir as suas conseqüências negativas. Tratou-se, portanto, de elaborar um Projeto de Intervenção no qual os próprios estudantes fossem protagonistas de uma investigação, tendo como enfoque o olhar e a percepção dos jovens do 7º ano para a importância de sua permanência dentro de sala de aula.

2 JUSTIFICATIVA

Durante a prática cotidiana percebi o quanto a questão indisciplina traz complicações na prática educativa e na própria relação aluno-professor. Para tanto se fez necessário identificar os motivos da indisciplina na troca de horário de professores.

Por ser pedagoga de Educação infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação, na cidade de Congonhas, M.G., muitas vezes assisto, estarecida, comportamentos agressivos e autoritários, ações de vandalismos que estragam carteiras, cadeiras, vidraças, assim como ações desrespeitosas para com os que ali prestam serviço, tanto em relação aos professores quanto aos outros funcionários.

Assim, por ter ligação com questões educacionais, optei por esse tema que faz parte do meu cotidiano profissional, procurando entender e buscando soluções que ajudem a amenizar esse problema, pois mesmo não lidando com os alunos diretamente na sala de aula, estou oito horas diárias, lado a lado dos mesmos como pedagoga ou diretora escolar, que é atual cargo que ocupo na escola pesquisada.

Sinto que é possível reverter esse quadro que se estaciona em nossas escolas, adentra nossos portões e as nossas salas de aulas com uma velocidade tamanha, que se não houver um freio resistente, num futuro bem próximo, o acidente poderá ser fatal.

Com o objetivo, porém, de oferecer uma alternativa a esse enfoque e assim dialogar com os alunos, é proposto como trabalho para a indisciplina da ACPP – Análise Crítica da Prática Pedagógica, um Projeto de Intervenção na qual os próprios estudantes serão protagonistas de uma investigação, tendo como enfoque o olhar e a percepção dos jovens do 7º ano da Escola Municipal Jose Monteiro de Castro para a importância de sua permanência dentro de sala de aula.

A troca de horário é um momento em que os alunos devem manter a disciplina, preparando-se para a próxima matéria a ser lecionada, mas isso não estava acontecendo na classe analisada. Havendo um encaminhamento constante de um grupo de alunos para a direção, optou-se, portanto, pelo Projeto de Intervenção como forma de minimizar o problema.

Os professores da escola observada, não reconhecendo a multiplicidade das causas da indisciplina, promoviam uma cena constante: a exclusão do aluno da sala de aula, levando-o para diretoria. Até mesmo no momento de espera pela diretora ou vice-diretora, ocorria manifestação de atritos que só cessavam na presença da direção.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

A Escola Municipal José Monteiro de Castro, denominada EMJMC, possui os seguintes segmentos de ensino: Educação Infantil e Ensino Fundamental subdivididas em dois turnos, os quais são manhã e tarde. O turno da manhã tem suas atividades iniciadas às 7h e encerradas às 11h:30 e o turno da tarde funciona das 12h:40 às 17h.

O nome da escola é uma homenagem a José Monteiro de Castro, notável político, deputado federal por várias legislaturas, constituinte em 1946 e Chefe da Casa Civil e descendente da família Monteiro de Castro, do Município de Congonhas.

A EMJMC está instalada em área central do Bairro Boa Vista, podendo atender a toda comunidade e bairros vizinhos como: Vila São Vicente, Centro, Lamartine, Bom Jesus, Belvedere, Lobo Leite, Santa Mônica e Outros. A visão alcança grande aglomerados de casas, onde habita a maioria dos alunos e alunas que frequentam a instituição.

Os locais de lazer e sociabilidade frequentados pelos jovens estudantes na escola são: pátio, espaço preferido dos jovens estudantes durante o recreio; a quadra, para jogar principalmente o futebol; o laboratório de informática; a cantina e o banheiro feminino, que possui um espelho. A maioria dos alunos, ou seja, aqueles que não querem ficar dentro de sala andam o tempo todo pelos corredores durante o recreio e na troca de horário de professor.

A história desta escola está de muitas formas entrelaçada com a história de vida dos moradores. A EMJMC está em processo de reformulação do PPP (Projeto político-pedagógico), lembrando que é uma das várias tentativas de buscar soluções para possíveis problemas escolares e tentar suprir às dificuldades de planejamento e desenvolvimento de trabalhos coletivos e de acordos que se firmem com maior consistência e visibilidade para o cumprimento dos mesmos.

Conforme o PPP (Projeto Político Pedagógico) , a questão da formação ético-moral dos educandos é focada nos princípios da boa-convivência, além da aquisição dos conhecimentos cruciais que fazem parte da formação básica dos cidadãos brasileiros. Assim, as professoras, junto com a direção, organizam atividades que incluem quadrilhas, Feiras Culturais, eventos voltados à inclusão dos pais e responsáveis, assim como da comunidade do entorno escolar, para que participem do cotidiano do educandário.

O Projeto Político Pedagógico propõe que a comunidade participe efetivamente dos eventos realizados pela escola e que os pais de alunos acompanhem o processo ensino-aprendizagem, participando de reuniões e de atendimentos individualizados. De acordo com o

PPP, na primeira reunião de pais são construídas, em conjunto, as regras disciplinares, que são posteriormente repassadas aos alunos.

A Escola possui atividades extraclasse: o projeto Arte na Escola, ministrado por professores qualificados em pintura em tela, pintura em tecido, bijuteria, música, ballet, desenho, biscuit.

Os educadores lotados na JMC participam de atividades de discussão, planejamento do conteúdo escolar e formação. Tais atividades são desenvolvidas na própria escola, sob a orientação da direção e coordenação pedagógica, de forma que todo o conteúdo ministrado e atividades desenvolvidas estejam de acordo com os preceitos legais e com a filosofia da escola.

A Prefeitura Municipal de Congonhas, em convênio firmado com a UFMG proporciona aos professores interessados uma Pós Graduação em diversas áreas. Conforme o PPP, a Escola Municipal “José Monteiro de Castro” relaciona-se bem com a comunidade da qual faz parte, procurando atender, na medida do possível, às reivindicações da mesma sem, no entanto, perder sua autonomia, garantida em sua proposta pedagógica.

A avaliação geral da situação escolar é constituída de um grupo que trabalha coletivamente, elaborando e executando projetos adequados aos discentes. Acrescente-se que parte dos profissionais atuantes na escola é “efetiva”. São frequentes as faltas e licenças, justificadas por diversas razões – mas principalmente em função de problema de saúde, indício claro de que a indisciplina pode estar afetando a saúde docente.

Em consonância com o PPP, a escola tem como filosofia “Educar com amor, respeito e cidadania, em busca da felicidade, do conhecimento, transformando a sociedade em que vivemos”. Apesar das previsões dos documentos oficiais, durante a observação pude constatar que a realidade vivida pelos alunos entra em choque com os mesmos, constituindo-se a indisciplina em um problema cuja superação passa pela união de toda a comunidade escolar.

Cumprido ressaltar que a EMJMC desenvolve projetos voltados para a valorização da diversidade humana, principalmente temáticas ambientais, como o consumo consciente.

Com base em uma pesquisa feita a partir de conversa com os alunos do 7º ano Hortência, no 2º semestre de 2011, para fins deste trabalho, apresentaram-se para a roda de conversa 15 alunos.

A turma estuda no turno da manhã e foi escolhida para fazer parte do projeto de intervenção por ser aquela com maior número de reclamações quanto à indisciplina na troca de horários durante as aulas.

4 PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo ALVES E CARVALHO (2004), hoje em dia, a temática Juventude é recorrente, tanto nos debates que permeiam a discussão de políticas públicas, quanto nas pesquisas, sobretudo naquelas das Ciências Sociais que vêem a juventude não apenas como um segmento social, mas como um campo fértil de estudos. Sempre quando se fala em juventude, buscam-se definições que, de acordo com diferentes autores, variam. Os autores consideram muito sensata a revisão bibliográfica em torno da temática, feita por DAYRELL (2001) em sua tese de doutorado. Segundo ele, deveríamos considerar, de antemão, os jovens como sujeitos sociais que, de acordo com suas vivências, experinciam e constroem modos diferentes de ser jovem.

De acordo com ALVES E CARVALHO (2004), a partir de vários autores Dayrell apresenta várias imagens que interferem negativamente em nossa compreensão da juventude. Entre todas as imagens, uma das mais significativas é a noção do jovem como pertencente a uma condição de transitoriedade reflete a visão do jovem como o que ainda não é, ou como aquele que virá a ser. Essa concepção, que o autor chama de o “vir a ser”, exclui o sentido do tempo presente na juventude e, geralmente, a trata como um momento de transição entre dois momentos reais e importantes: a infância e a vida adulta. Outra concepção errônea recorrente é a visão romântica do jovem como transgressor, rebelde, marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade. Tal ideia acaba por considerar a juventude como um momento de crise, o que muitas vezes reflete na própria autoestima do jovem real.

Segundo ALVES E CARVALHO (2004), a partir destas concepções errôneas em torno da juventude e depois de ressaltar que a definição da categoria é complexa devido ao fato de que os critérios para tal são históricos e culturais, Dayrell apresenta a ideia da juventude como uma condição social e um tipo de representação. Tal representação perpassa uma diversidade que se concretiza em diferentes experiências materialmente determinadas pelas condições sociais, culturais, de gênero e de raça que conformam os jovens e os diferenciam. Desta forma, o autor considera, a partir de autores como MELLUCCI (1992), PERALVA (1997), e CHARLOT (2000), a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, o que nos leva a considerar, a noção de juventudes no plural, explicitando assim a diversidade de modos de ser jovem existente.

De acordo com DAYRELL (2007, p. 1.105), a educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o

fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretensão individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assiste-se a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe.

Segundo DAYRELL (2007, p. 1118), na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela. Por outro lado, a escola que ele frequenta apresenta especificidades próprias não sendo uma realidade monolítica, homogênea. Pode-se afirmar que a unidade escolar se apresenta como um espaço peculiar que articula diferentes dimensões. Institucionalmente, é ordenada por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos.

Para DAYRELL (2007, p. 1.118), no cotidiano, porém, convive com uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos — alunos, professores, funcionários, pais — que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias, individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos; um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre os sujeitos e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração ou reelaboração expressas pelos sujeitos sociais, fazendo da instituição educativa um processo permanente de construção social.

De acordo com DAYRELL (2007, p. 1.120), o “tornar-se aluno” implica estabelecer cada vez mais relações entre sua condição juvenil e o estatuto de aluno, tendo de definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens e, principalmente, seu projeto de futuro. Enfim, os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentimentos atribuídos à experiência escolar.

Para DAYRELL (2007, p. 1.120), contudo, não é um trabalho fácil, o jovem vivencia uma tensão na forma como se constrói como aluno, um processo cada vez mais complexo, onde intervêm tanto fatores externos (o seu lugar social, a realidade familiar, o espaço onde vive etc.) quanto internos à escola (a infraestrutura, o projeto político pedagógico etc.). No

cotidiano escolar, essa tensão se manifesta não tanto de forma excludente — ser jovem *ou* ser aluno —, mas, sim, geralmente, na sua ambiguidade de ser jovem *e ser* aluno, numa dupla condição que muitas vezes é difícil de ser articulada, que se concretiza em práticas e valores que vão caracterizar o seu percurso escolar e os sentidos atribuídos a essa experiência.

Segundo DAYRELL (2007, p. 1.121), no âmbito das relações sociais que ocorrem no cotidiano escolar, é necessário ressaltar aquelas existentes entre alunos e professores. Vem ocorrendo uma mudança significativa nessa relação, principalmente na questão da autoridade, onde os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia. Dayrell cita Dubet, para quem a mudança dos alunos interfere diretamente nas formas e metas das relações de poder presentes na instituição. Se antes a autoridade do professor era legitimada pelo papel que ocupava, constituindo-se no principal ator das visões clássicas de socialização, atualmente é o professor que precisa de construir sua própria legitimidade entre os jovens.

A partir desses referenciais é que busquei tratar o problema da “zoação” durante a troca de horário. Realizou-se, portanto, uma pesquisa cujos sujeitos são os alunos dos 7º ano Hortência da E.M. José Monteiro de Castro, especificamente os que são encaminhados pelo serviço pedagógico e/ou pelos professores regentes para a direção, constatando-se que agem em grupo e são quase todos do sexo masculino.

Procurando entender, buscando soluções que ajudem a amenizar esse problema percebe-se que o objetivo único deles é “zoar” pelos corredores na troca de horário de professor, “zoar” conversando em sala de aula não deixando o professor ministrar as atividades e “zoar” com preguiça e desinteresse em fazer as atividades propostas pelo professor dentro de sala de aula ocasionando indisciplina.

A manutenção da disciplina constitui, na verdade, uma preocupação de todas as épocas, sendo um fenômeno que decorre da sociedade e de seu sistema de ensino, mas também, um fenômeno essencialmente escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável como ela.

É essencial definir critérios para educador, educando e família, cabendo ao educador definir os itens realmente relevantes para a disciplina de seus alunos e a informação desses itens.

A indisciplina nos corredores da escola tem suas características próprias e só adquire significado em relação ao processo pedagógico em curso quando sobre ele se debruça para melhor compreendê-lo, para nele intervir. Só investigando o porquê da indisciplina, é que entendermos “o como”, e “o porquê”. Este trabalho apresenta uma investigação do cenário da

“zoação” e assim me vi de frente a alunos que se portavam como sujeitos de vontade e desejos, de corpos e de potencialidade juvenis.

Essa situação é preocupante, sendo problemas que comprometem tanto o desenvolvimento das práticas pedagógicas, como também o desenvolvimento dos estudantes, já que interfere significativamente em seu processo de aprendizagem. A escola sempre procura desenvolver ações para tentar amenizar certas situações, através de conversas, palestras, gincanas, atividades em sala de aula com temas sobre os problemas detectados e se precisar, solicita a ajuda de profissionais especializados.

Em consonância com essa linha de atuação da escola é que se buscou, por meio do projeto de intervenção, compreender, sob o olhar dos estudantes, quais os motivos que os leva a “zoar”, causando indisciplina nos corredores da escola.

O projeto de intervenção se justifica porque a relação professor/aluno é sempre um encontro complexo, difícil, sobre o qual se deve pensar sempre, procurando uma avaliação constante do processo para que ela não caia na exaustão de emaranhados teóricos, onde não existe encontro, apenas “esbarrões pedagógicos”.

Segundo SILVA (2008, p. 23), peças fundamentais, embora complexas, são as relações humanas na realização das interações dele como indivíduo. Desta forma, a análise da relação entre professor/aluno envolve circunstâncias próprias desse tipo de relacionamento, sem contudo, excluir as bases comuns aos demais tipos de relações.

De acordo com SILVA (2008, p. 25), A escola, como um todo, passa por uma crise de sentido; os alunos não sabem porque vão a ela, a falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada

Para SILVA (2008, p. 25), a estrutura do relacionamento da escola com a sociedade é apresentada de forma institucional e definida dentro de um *modus operandi*. Os elementos dessa relação institucional são: o agente (profissional da educação), a clientela (beneficiários diretos da ação institucional escolar), o mandante (aquele que sustenta a ação institucional) e o público (beneficiário indireto da ação escolar, que tem por papel avaliar os resultados desta)

Segundo MÜLLER (2002, p. 276), a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo. A relação professor- aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes.

Para SILVA (2008, p. 27), a relação aluno-professor é estabelecida de forma individual e única. É importante construir meios neste relacionamento através dos quais seja possível a solução de impasses, ou seja, a renegociação do contrato em casos especiais.

Segundo SILVA (2008, p. 27), o contrato por si só não garante o reconhecimento e respeito à autoridade do professor. É necessário que o agente restabeleça seu papel de forma a reconstruir sua relação diariamente, ou seja, se faz necessário assinalar que o reconhecimento de agente com autoridade não é algo natural e/ou automático, e isso se fará presente nas atitudes do agente

De acordo com MÜLLER (2002, p. 276), podemos observar dois aspectos da interação professor-aluno: o aspecto da transmissão de conhecimento e a própria relação pessoal entre professor e aluno e as normas disciplinares impostas. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

Para MÜLLER (2002, p. 276), a aula não pode ser considerada apenas uma mera transferência de conhecimento, devemos também nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz parte da facilitação da aprendizagem.

De acordo com MÜLLER (2002, p. 276-277), o relacionamento baseado na afetividade é, portanto, um relacionamento produtivo auxiliando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação entre os dois menos conflitante, pois permite que ambos se conheçam, se entendam e se descubram como seres humanos e possam crescer.

Segundo MÜLLER (2002, p. 277), uma forma de o professor interferir, melhorar e consolidar a relação professor-aluno no sentido de explorar as possibilidades da filosofia, é discutir e compreender os pressupostos e as concepções de filosofia que estão presentes na sua prática, pois, sem isso, vamos continuar apenas a estudar história da filosofia ou alguns temas isolados, sem uma postura filosófica, atendendo apenas a necessidades imediatas e curriculares.

De acordo com MÜLLER (2002, p. 277), o professor deve constantemente esforçar-se em buscar estas possibilidades e tentar uma discussão dos diversos temas trazendo-os para os dias de hoje, para os problemas atuais, tornando o ensino e a relação professor-aluno proveitosos.

Segundo MÜLLER (2002, p. 278), o professor deve sempre estar atento aos alunos; às vezes a própria expressão dos alunos indica que é necessário fazer alguma pergunta, não apenas com o intuito de verificar se o exposto foi compreendido, mas também de dar informações aos alunos, para que corrijam seus erros, e ver se entenderam o conteúdo, se há ainda pontos obscuros, se é necessário passar mais exercícios ou dar mais exemplos antes de ir para um novo tema.

Para MÜLLER (2002, p. 278), o professor não pode ser autoritário a ponto de achar que sua palavra é a lei, pois, quando há uma falha na comunicação entre professor-aluno, aluno-professor, poderá ocorrer o distanciamento das duas partes, o que poderá prejudicar a relação; uma vez que o diálogo é um elemento fundamental da aprendizagem.

Segundo MÜLLER (2002, p. 278), o professor deve usar do diálogo, pois o diálogo pode ser uma fonte de riquezas e alegrias, é uma arte a ser cultivada e ensinada. O professor deve ensinar que o diálogo só acontece quando os interlocutores têm voz ativa, e que se os interlocutores se limitarem a impor visões do mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo.

Para MÜLLER (2002, p. 278), embora estejam limitados por um programa, um conteúdo, um tempo determinado e normas da instituição de ensino, o professor e o aluno interagindo chegam à finalidade do ensino, que é a aprendizagem do educando.

De acordo com MÜLLER (2002, p. 278), o professor pode utilizar a liderança controlando-a para não inibir a criatividade do aluno, criar uma relação de respeito mútuo e organizar o seu método de trabalho.

Segundo MÜLLER (2002, p. 278), o professor deve facilitar ao aluno o entendimento do que é fazer parte de um grupo ou de uma comunidade, ajudando-o a conhecer as normas que regem a conduta aceita nos mais variados âmbitos, como o social, o cultural e o político.

Para MÜLLER (2002, p. 278), o respeito mútuo é a valorização de cada pessoa, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, é poder revelar seus conhecimentos, expressar sentimentos e emoções, admitir dúvidas sem ter medo de ser ridicularizado, exigir seus direitos.

De acordo com MÜLLER (2002, p. 279), o professor como facilitador do aprendizado deverá buscar a motivação de seus alunos. Não é uma tarefa fácil, pois a falta de motivação pode ter origem em problemas particulares do aluno como cansaço, necessidades afetivas não satisfeitas e, até mesmo, a fome.

Segundo MÜLLER (2002, p. 279), o docente deverá centrar os seus esforços na aprendizagem e, ao trabalhar com ela, tornar o ensinamento significativo para o aluno, fazendo-o sentir que a matéria tem significância para sua vida.

Para MÜLLER (2002, p. 279), o relacionamento professor-aluno é dinâmico, cabendo ao professor ter sabedoria para lidar com cada situação que se apresente e ter em mente que deverá estar ligado no fato de que o ensinar não é apenas transmissão de conhecimentos, mas também um total envolvimento com situações e a formação de seus alunos como seres pensantes e atuantes, capazes de construir o seu conhecimento.

De acordo com MÜLLER (2002, p. 279), a disciplina e o equilíbrio devem ser mantidos em classe, para que o aprendizado não seja prejudicado, e para que se desenvolva, no aluno, o auto-respeito, o autocontrole e o respeito, ficando o professor atento para que certas situações não fujam do limite. O professor deve se utilizar da liderança controlando-a, no entanto, para não inibir a criatividade do aluno, criando uma relação de respeito mútuo e organizando sua metodologia de trabalho.

A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, deve estar aberta a incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas.

Os jovens demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar o seu destino.

5 DESCREVENDO A AÇÃO

A intervenção constou de três etapas encadeadas em um processo cujo disparador foram as conversas informais com professores e alunos acerca do incômodo que o horário do intervalo entre as aulas provocava para todos na escola.

A questão do intervalo era preocupante e essas conversas apontavam a necessidade de se intervir na tentativa de melhorar o comportamento dos alunos durante o intervalo e, assim, repactuar o funcionamento das normas escolares que previam a permanência dos alunos em sala e a rápida troca de salas pelos professores. Era necessário, entretanto, colher mais informações sobre como o intervalo era visto pelos alunos e quais as melhores estratégias para que as normas previstas fossem cumpridas pelos mesmos.

O material usado na intervenção foi a aplicação de questionários, data show com slides educativos, dinâmicas em grupo, oficinas e roda de conversas.

O tema recorrente no material utilizado foi a indisciplina em suas variadas formas, objetivando uma conscientização do aluno com relação ao seu papel, que deve ser ativo na aquisição de seu próprio conhecimento e na gerência de seu próprio tempo em sala de aula.

O projeto de intervenção foi realizado de acordo com as seguintes etapas: coleta de informações para apontar as causas prováveis da ausência do aluno dentro da sala na troca de horário, avisos afixados na e contendo informações sobre o horário de início das aulas, procedimentos a serem adotados pelo professor se o aluno estiver atrapalhando as aulas, questionários e roda de conversa.

A seguir, apresentamos a descrição das etapas:

1) Coleta de dados

A coleta iniciou-se partir de conversar informais nos corredores da escola, na sala dos professores e nos diversos atendimentos feitos no cotidiano da escola com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Era necessário colher informações que pudessem, de alguma maneira, medir o que estava sendo dito informalmente. Por isso, pensou-se em aplicar um questionário cujo objetivo era determinar a percepção dos alunos sobre o seu comportamento durante os intervalos. Depois foram organizadas rodas de conversa com pais, alunos e professores com o intuito de discutir o comportamento dos alunos e professores e como esses comportamento alteram e impactam o cotidiano da escola durante os intervalos.

Assim foi proposto:

1.1) Conversas informais

O projeto de intervenção teve início com a coleta de informações acerca da indisciplina escolar por meio de conversas informais com os professores e alunos. Percebeu-se, então, a necessidade de um plano de ação objetivando descobrir as causas prováveis da ausência do aluno dentro de sala de aula na troca de horário. Todos os alunos do 7º ano Hortência foram envolvidos nessas conversas e além da indisciplina, foram abordados assuntos relevantes como o bullying e as regras disciplinares.

O intuito era compreender como essas preocupações se encontravam disseminadas entre os diferentes sujeitos envolvidos no cotidiano escolar.

1.2) Questionários

Para levantar as hipóteses para o comportamento dos sujeitos da pesquisa, foram elaboradas as seguintes perguntas: “Para você, o que é ser jovem?”; “Como é a escola para você?” “O que é indisciplina para você?” “O que você, aluno, acha dos seus atos?”

A escolha do questionário está baseada no que reporta Marconi e Lakatos (1996), por ser este uma técnica de observação direta extensiva, que constitui-se como um instrumento de coleta de dados, tendo um ordenamento de perguntas a serem respondidas pelo entrevistado, que tem a vantagem de economizar tempo, atingir maior número de pessoas e obter respostas mais rápidas e precisas, havendo menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.

Os objetivos da aplicação do questionário foram: mostrar ao aluno que a “zoeira” traz consequências negativas no ensino-aprendizagem, levar o próprio aluno a analisar seus atos e as implicações do mesmo, melhorar o comportamento nas aulas e conseqüentemente a atenção e participação nas diversas disciplinas, reconhecer os jovens, na sua diversidade, em um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem, de autonomia.

O questionário foi elaborado focando no entendimento da percepção do aluno com relação ao seu próprio comportamento, contendo as seguintes perguntas: O que ele entende que está fazendo fora de sala? Por que ele sente a necessidade de “zoar” durante a aula e nos corredores na troca de horário do professor? Ele não sente que isto atrapalha sua própria

aquisição de conhecimento? Sentiria ele como dispensável o conhecimento mediado em sala de aula? Existe, para ele, a necessidade de frequentar a escola?

A maioria dos alunos respondeu que gosta de “zoar” durante a troca de horário para conversar com os alunos de outras salas.

Questionados sobre o que é ser jovem, a maioria apontou que é um período de liberdade, é uma fase ótima, maravilhosa.

Perguntados sobre o que a escola é para eles, os alunos reconhecem que a escola é boa, com professores qualificados, necessitando de melhorias na infraestrutura.

Instigados a opinar sobre o que é indisciplina, os alunos responderam que indisciplina é bagunça, é fazer tumulto, é “zoar, zoar, zoar”, é não agir corretamente, desrespeitando os professores e funcionários, atrapalhando o andamento das aulas.

Ao serem questionados sobre o que acham dos seus atos indisciplinados, a maioria dos alunos considerou-os errados.

1.3) Reuniões pedagógicas/reuniões de pais

A direção e o serviço pedagógico da escola organizaram reuniões pedagógicas com os professores para falar sobre o projeto de intervenção e as estratégias que seriam utilizadas para minimizar os efeitos da indisciplina durante a troca de horários no 7º ano Hortência.

Outra função dessas reuniões com os professores, era, simultaneamente, escutar o que os professores tinham a dizer sobre o intervalo e o clima de zoação que existia na escola e persuadi-los a fazer a troca de sala entre as turmas quando soasse o sinal de maneira mais rápida para causar menos problema à escola.

Durante as reuniões de pais, a direção e o serviço pedagógico apresentaram as regras disciplinares, comentando sobre a troca de horário, objetivando estabelecer uma parceria com os pais no sentido de minimizar o problema.

2) Elaboração de regras e avisos

Para a discussão do intervalo e da necessária ordem durante a troca de sala dos professores, foram organizadas reuniões com os alunos do 7º ano Hortência durante uma semana. As outras turmas eram agrupadas a fim de que os professores regentes ficassem coordenando um trabalho de debate das normas que deveriam orientar o intervalo, onde se discutia a necessidade de guiar sua ação, tendo em vista a melhor organização da escola.

2.1) Regras escolares

As regras escolares que foram elaboradas para tentar contornar o problema da indisciplina nos intervalos buscavam ser as mais suscintas possíveis para que não se perdesse a objetividade necessária e, assim, não se desviasse do foco, que era a permanência dos alunos em sala de aula durante a troca de salas dos professores.

Essas reuniões constaram sempre com um aluno que tinha a função de secretariar a reunião e anotar as idéias sugeridas para a elaboração das normas disciplinares, principalmente as que concerniam a troca de intervalo de aulas.

Foram reuniões bastante concorridas. Os alunos do 7º ano Hortência participaram ativamente e o resultado foi muito proveitoso

Primeiro decidiu-se que:

Se o aluno estiver atrapalhando as aulas, o professor deverá realizar todas as intervenções possíveis. Caso isso não resolva a situação, deverá tomar as seguintes atitudes:

- 1 – Chamar alguma pessoa do administrativo, para ficar em sua sala de aula;
- 2 – Dirigir-se à direção juntamente com o aluno para realização de ata, onde esclareceremos tudo o que estava acontecendo em sala de aula no momento do problema.
- 3 – Os pais serão comunicados por meio de bilhetes e via telefone.

OBS: Na 3ª incidência consecutiva, os pais serão chamados juntamente com os professores e alunos. Neste caso, o aluno levará uma suspensão de 3 dias.

Acerca do intervalo, pensou-se que a melhor estratégia foi definir a regra:

O intervalo entre as aulas é somente para a troca de professores. O professor se dirigirá para a sala, fechará a porta e iniciará sua aula normalmente. O aluno que estiver no corredor, será abordado pela inspetora de alunos. Se o mesmo estiver fora de sala sem autorização do professor, será encaminhado para a pedagoga, a fim de registro de ata.

E ainda pensou-se em contornar o problema do absenteísmo escolar e seu impacto na vida escolar do aluno que termina por não realizar as atividades propostas. A solução encaminhada foi :

Quando o aluno não estiver realizando as atividades propostas, dentro e fora da escola (tarefas, atividades, etc.), o mesmo será encaminhado pelo professor à pedagoga, ficando com a mesma de 11h30min até as 12h:00, para que atualize sua vida estudantil.

2.2) Avisos

Foram elaborados, com a participação da direção, serviço pedagógico, professores e alunos do 7º ano Hortência, avisos afixados na escola contendo, entre outras, informações sobre o horário de início das aulas, o período de tolerância, gráficos sobre os atrasos, mostrando que o sinal é tocado para a troca de professores, devendo o aluno permanecer em sala de aula e não perambulando pelo corredor.

INÍCIO DAS AULAS

O início das aulas é as 7:00 horas.

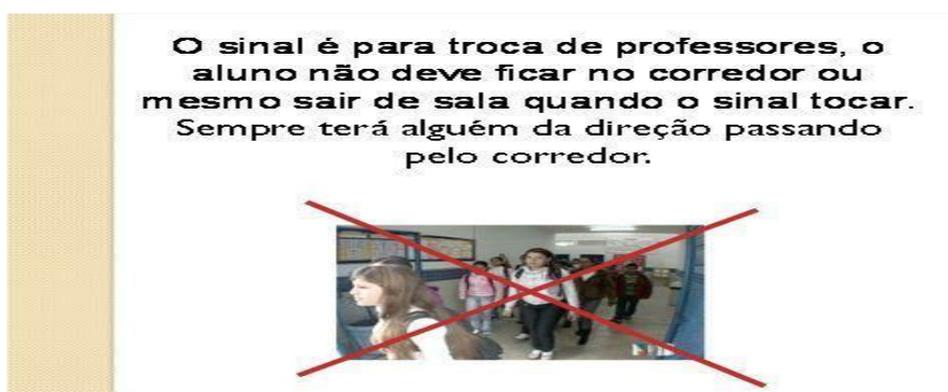
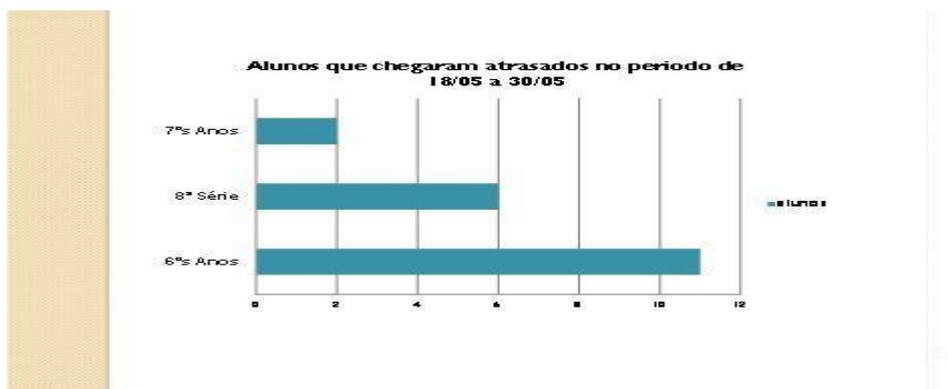
O período de tolerância é de 10 minutos, porém esta tolerância somente será aceita mediante ligação da mãe, atestado, ou bilhete.

O aluno que chegar atrasado ou ainda chegar no período de tolerância de 10 minutos sem a devida justificativa, além de cumprir as atividades na biblioteca, perderá o direito de participar em algum evento letivo.

Vale deixar claro que: O atraso prejudica também a turma, pois se algum aluno da sala tiver mais de 20% de atraso durante o mês, a turma perderá o direito de participar de algum evento.

Os atrasos serão exibidos mensalmente em formato de gráfico.





03) Roda de Conversa

O ponto culminante da intervenção foi a realização de uma roda de conversa entre a diretora da Escola e os alunos do 7º ano, Hortência, momento em que os alunos puderam, por meio de um diálogo franco e objetivo, expressar seus pontos de vista e opinar sobre as atividades desenvolvidas, inclusive destacando a situação da sala antes e depois da aplicação do projeto de intervenção.

Partindo da compreensão da percepção detectada pelas respostas ao questionário, as ações perpetradas através da roda de conversa puderam ser mais bem orientadas para suprir as necessidades de compreensão do aluno de sua própria premência de desenvolvimento intelectual.

Para tanto, é necessário que o aluno compreenda como encontrar e aflorar sua própria motivação para aprender e desenvolver-se como pessoa, como cidadão.

04) Análise dos resultados da intervenção

Os dados coletados durante as etapas do projeto de intervenção foram de grande valia para que os alunos se conscientizassem da importância de não “zoar” durante a troca de horário dos professores, mudando a postura que até então adotavam, o que certamente trará benefícios quanto ao rendimento escolar.

Partindo das reclamações dos professores a respeito dos atos de indisciplina dos alunos durante a troca de horário, conseguiu-se realizar uma intervenção planejada e consciente no sentido de buscar solucionar o problema detectado na turma objeto da pesquisa, demonstrando que a união de todos que fazem parte da comunidade escolar é fundamental para o sucesso da aprendizagem.

6 CONCLUSÃO

De acordo com os dados coletados durante o projeto de intervenção, sob a ótica do professor, invariavelmente, os principais fatores para o aparecimento da indisciplina, localizam-se na criança e/ou na família, sendo esta última o fator determinante para que tal fenômeno apareça.

A indisciplina é percebida de maneira diferente pelos jovens alunos e professores. O que é um ato indisciplinar para um professor, pode não ser para outro professor. Portanto, a indisciplina escolar pode ser atribuída a fatores externos à escola; outros acham que são fatores que envolvem a conduta do professor, sua prática pedagógica e até mesmo práticas da própria escola que podem ser excludentes e etc.

Acredita-se que, se houver uma atuação na melhoria da indisciplina, estar-se-á colaborando para o estabelecimento de novas estratégias para o convívio, bem como para a instauração de uma conduta mais democrática por parte de professores e alunos.

Sugere-se que seja realizado um planejamento conjunto com a comunidade escolar das ações a serem implementadas nesta, que visem fortalecer o respeito mútuo, valorizar a diversidade de interesses pessoais dentro da escola, tendo a mesma que favorecer a formação de seres capazes de atuar com liberdade, justiça, respeito a si mesmos e à sociedade.

As manifestações de indisciplina, muitas vezes, podem ser vistas como uma forma de exhibir-se para o mundo, mostrar sua existência; em muitos casos o indivíduo tem somente a intenção de ser ouvido por alguém.

Desta forma, para muitos alunos indisciplinados, a rebeldia, o vandalismo não passam apenas de uma zoação, que é uma forma de expressão. Muitos adultos simplesmente classificam os anos da juventude como um período rebelde que uma pessoa simplesmente deve ultrapassar. Os jovens, enquanto isso, pensam que os adultos esqueceram como apreciar o significado e a emoção da vida. Os jovens são rebeldes, e os adultos veem a rebelião como algo que está a um passo do crime. A rebeldia nos jovens não é um crime. Pelo contrário; é o fogo da alma que se recusa a conforma-se, que está insatisfeito com algo.

Diante de tais fatos, o projeto de intervenção permitiu constatar que docentes e discentes são os personagens principais do processo de ensino – aprendizagem. Não se pode ignorar, de ambos, os aspectos sociais e familiares; portanto a família e a escola são responsáveis pela educação, cada uma desempenhando seu papel. Mais uma vez, menciona-se que a escola não é a única e exclusiva responsável pela educação integral do aluno, pois a escola necessita do desempenho familiar para proporcionar aos alunos uma ótima

disciplinarização da conduta. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em conta as características de cada um dos envolvidos, ou seja, docente, discente e ambiente escolar.

É primordial que se pense na função da escola, em sua missão, objetivos e nos conceitos de aprendizagem, não porque se pretenda culpabilizar ou desculpabilizar os principais atores, mas porque propomos ajudá-los a entender seus papéis, nessa relação tão delicada.

O projeto de intervenção mostrou que, ao construir junto com os alunos as normas de comportamento, ou, ao lidar com os conflitos e transgressões, pode-se transformar essas vivências em aprendizagens, através do processo de elaboração. Elaborar uma vivência implica levantar todos os dados possíveis da situação; é como se articulássemos em torno de um objeto, olhando-o, a partir de diversos pontos de vista, para construir uma representação mais completa possível dos fatos. A partir desses conhecimentos objetivos, pode-se então buscar as relações subjetivas: para que, por que, como, a fim de que, os alunos possam ter clareza se seu comportamento e dos outros, das modalidades de relacionamento, das noções de hierarquia, de autoridades, de afeto e cumplicidade envolvidos. Os alunos, percebendo as vantagens e desvantagens para si, e para os outros, de agir de uma determinada maneira (fase do estabelecimento de relações entre os vários elementos, fatos, conceitos, procedimentos, valores e do levantamento de hipóteses). Partindo-se deste ponto, pode-se começar a definição dos procedimentos e sua testagem na prática (momento de experimentar, corrigir rumos, chegar a conclusões e, talvez, sistematizar e fixar.)

A pesquisa aqui realizada revelou dados interessantes e que devem ser analisados, principalmente pela direção da Escola Municipal José Monteiro de Castro, para melhorar o seu processo disciplinar. A pesquisa demonstrou que o fator que mais contribui para a indisciplina do aluno, nos corredores da escola, é a falta de limites, que se agrava a cada dia, com os inúmeros problemas sociais do nosso país.

A direção da escola e os professores utilizam vários recursos para os casos de indisciplina (conversas com os pais, com os alunos e, em casos extremos pune com rigor). Partindo do perfil, da fase escolar, e da possível concentração na sala de aula que o professor tenha, pode-se propor intervenções que, ao mesmo tempo trabalhem o assunto disciplina, mas que, principalmente, transformem esses fatos perturbadores em centros integradores de trabalho disciplinar, usando o poder ilimitado que o professor tem como fonte motivadora dos alunos e mobilizadora das suas melhores e mais fortes potencialidades.

7 REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. **Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade.** Oeiras: Celta, 2003.

ALVES, Maria Zenaide; CARVALHO, Gustavo Barhuch Bísvaro de. **Metodologia de Trabalho com Jovens: algumas reflexões a partir de uma experiência. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.**

AQUINO, Julio Gropa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas.** 9 ed. São Paulo: Summus, 1996.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases.** Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:> <http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao//110836.htm>> Acesso em 18 jul.2011.

CARRANO, P. **Os jovens e a cidade.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

CHABAD, BEIT. **Adolescente: a rebeldia da alma.** Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/.../home.html>>. Acesso em 03 ago.2011.

DAYRELL, J.T. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade.** Jovens: Revista de estudos sobre Juventude, Mexico, ano 9, n.22, jan./jun. 2005.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte.** São Paulo: Faculdade de Educação (tese de doutorado).2001

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes: reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

FLEURI, R.M. **Educar para quê?** São Paulo: ed. Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **A Indisciplina do Ato de Atuar: em três artigos que se completam.** 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAMBERT, J. **A Indisciplina em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos.** Rio de Janeiro: ed. Forense, 1973.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Atlas, 1996.

MÜLLER, Luiza de Souza. **Interação professor-aluno no processo educativo.** Integração: Ensino-Pesquisa-Extensão, Ano VIII, n. 31, p. 276-280, Nov/2002.

SILVA, Janaina Oliveira. **Aluno, a escola, o professor: relações do aprender.** Saber Acadêmico, Revista Multidisciplinar da UNIESP, n. 6, p. 23-28, dez/2008.

SMITH, **Indisciplina Significativa.** Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed,1999. p. 01-66.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Os desafios da Indisciplina em sala de aula e na escola.** Publicação: Série Idéias n.28. São Paulo: FDE, 1997.

ANEXOS

CRONOGRAMA

| Data | Atividade |
|-----------------------|---|
| 07/08/2011 | Escolha do tema |
| 12/08/2011 | Levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre indisciplina na troca de horário do professor. |
| 19/08/2011 | Problema identificado, Por que é importante resolver esse problema. |
| 23/08/2011 | Conversa com os alunos |
| 26/08/2011 | Aplicação de questionários |
| 29/08/2011 | Necessidade e possibilidade de intervenção |
| 31/08/2011 | Roda de conversa |
| 31/08/2011 | Dinâmica em grupo |
| 1ª Semana de Setembro | Oficinas |
| 2ª Semana de Setembro | Roda de conversa com os professores sobre indisciplina |
| 3ª Semana de Setembro | Roda de conversa com os alunos sobre indisciplina |